

IDENTIDADE NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA: ESTUDO DA COMUNIDADE PATAXÓ DA ALDEIA PÉ DO MONTE

RESUMO

Este artigo propõe-se a estudar a identidade do índio Pataxó a partir das contribuições teóricas da Psicologia Sócio-Histórica que tem buscado compreender os processos pelos quais as estruturas subjetivas dos indivíduos são construídas, compartilhadas e modificadas a partir da própria experiência e da relação que eles estabelecem com o meio. O objetivo deste estudo é investigar como se configura a sua identidade hoje, analisando os elementos que ele percebe como representativos para a formação identitária do seu povo e a influência que os anos de contato com outra cultura provocaram na forma como vivem e, conseqüentemente, na sua configuração identitária. Esta pesquisa parte de uma vivência prática fundamentada na orientação metodológica qualitativa, utilizando como técnicas a observação participante e a análise do discurso em articulação com os pressupostos teóricos. O instrumento utilizado na coleta de dados foi a entrevista. O local escolhido para a realização do estudo foi a Aldeia Pataxó Pé do Monte, localizada no extremo sul do Estado da Bahia. O grupo pesquisado foi composto por seis adultos da comunidade, divididos igualmente por sexo e sua escolha não envolveu métodos estatísticos. Os resultados encontrados indicam que a relação que o Pataxó estabelece com o contexto em que vive reflete na configuração da sua identidade e que existem atualmente elementos que o caracteriza. Concluiu-se que esses elementos, apesar de significativos, não definem por completo a identidade do Pataxó, já que esta se transforma continuamente a partir das interações que constitui com o meio, o momento histórico e a elaboração individual que constrói sobre este processo.

Palavras-chave: Identidade. Cultura. Pataxó.

Andréa Fernandes da Cunha Moura
Luciana Santana Rossi Peixoto

**IDENTIDADE NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA:
ESTUDO DA COMUNIDADE PATAXÓ DA ALDEIA PÉ DO MONTE**

Trabalho apresentado à Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública da Fundação Bahiana para o Desenvolvimento das Ciências como parte dos requisitos para a conclusão do Curso de Graduação em Psicologia.

Orientador: Profa. Dra. Elizete Silva Passos

Banca Examinadora: Prof. Dr. Marcelo Magalhães Andrade
Prof. Dr. Arivaldo de Lima Alves

Salvador
2007

PARECER DO ORIENTADOR

Na qualidade de Orientadora do TCC intitulado "*Identidade na perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica: Estudo da comunidade pataxó na aldeia do Pé do Monte*", de autoria de *Andréa Fernandes da Cunha Moura e Luciana Santana Rossi Peixoto*, estudantes concluintes do Curso de Psicologia da Fundação Bahiana para Desenvolvimento das Ciências (FBDC) em dezembro de 2007, recomendo a inscrição do mesmo para concorrer ao Prêmio Silvia Lane/2008. A recomendação deve-se ao fato de tratar-se de um trabalho que aborda um tema inovador e atual no campo da Psicologia, que fortalece uma vertente de estudos na área, diferente das temáticas historicamente destacadas. Do ponto de vista da sua construção, considero que o mesmo possui um bom desenho metodológico e está redigido de forma clara e bem articulada.

Salvador, 30 de maio de 2008.

Profa. Dra. Elizete Silva Passos
Mestre e Doutora em Educação

Para nossas famílias, grandes amores, verdadeiros motivos...
Para os Pataxó que fizeram desse estudo um inesquecível reencontro.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer a todos que de alguma forma compartilharam conosco esses anos de aprendizado:

À comunidade Pataxó da Aldeia Pé do Monte.

Ao amigo Pataxó Alfredo Santana.

A nossa orientadora Profa. Dra. Elizete Silva Passos, que esteve sempre ao nosso lado durante este processo.

Aos nossos queridos mestres, Adriano Barata, Anderson Viana, Antonieta Araújo, Ari Lima, Cláudia Mascarenhas, Emanuel Pereira, Henrique Moraes, Maria Rosália Correia, Rosineide Mubarack, William Dunnighan e em especial a Marcelo Andrade, pela contribuição essencial neste estudo.

A Maria José Bacelar, pelo grande auxílio, mesmo que nos minutos finais.

Aos amigos que mesmo distantes acompanharam nossa trajetória e aos que de perto se fizeram importantes diariamente.

E por último, mas não menos especial, a nossa amada família, que acompanhou de mãos dadas cada conquista alcançada, cada passo recuado, lágrimas, sorrisos, enfim, para vocês que nos ensinaram a acreditar e lutar pelos nossos sonhos.

Estamos nos construindo na luta para florescer amanhã como uma nova civilização, mestiça e tropical, orgulhosa de si mesma. Mais alegre, porque mais sofrida. Melhor, porque incorpora em si mais humanidades. Mais generosa, porque aberta à convivência com todas as raças e todas as culturas e porque assentada na mais bela e luminosa província da Terra.

Darcy Ribeiro

SUMÁRIO

PRIMEIROS OLHARES	6
1 IDENTIDADE ENTENDIDA COMO PROCESSO	10
2 HISTÓRIA DO ÍNDIO PATAXÓ	18
3 IDENTIDADE DO ÍNDIO PATAXÓ HOJE	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	30
APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	33
ANEXO A - MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA ALDEIA PÉ DO MONTE	40

PRIMEIROS OLHARES

Os estudos sobre identidade têm sido amplamente discutidos nas questões que concernem à Psicologia Social. Essa área do conhecimento demonstra hoje uma crescente atenção voltada a análise das estruturas subjetivas sobre as quais os indivíduos e os grupos organizam as suas vidas e, especialmente, aos processos por meio dos quais essas estruturas são concebidas, compartilhadas, elaboradas e, com base na própria experiência, transformadas. O incentivo a pesquisas relacionadas com essa temática vem assumido cada vez mais importância nas teorizações sobre a formação da sociedade moderna e a configuração dos processos identitários (CIAMPA, 2001, 2004; HALL, 2005).

Aguiar (2000) acredita que essas transformações só podem acontecer pelo processo dialético com o contexto em que o sujeito vive. Dessa forma, a autora sugere que “[...] parece ser mais adequado a postulação de uma condição humana, na medida em que ela se refere a um homem que constrói a sua existência a partir de uma ação sobre a realidade”. (AGUIAR, 2000, p.127). É por meio dessa ação que o ser humano não só vai transformar a realidade como também criar as suas próprias condições de existência, transformando-se a si próprio. A proposta de Ciampa (2001, 2004) assemelha-se a tal compreensão, na medida em que afirma que o ser humano e a sociedade vivem uma relação de mediação, na qual um se constitui pela expressão do outro. Nesse sentido Aguiar (2000, p.127) afirma:

A tarefa da Psicologia reside justamente na tentativa de compreender esse indivíduo em sua singularidade, singularidade essa que contém tanto a internalização como a expressão de sua condição histórica e social, sua ideologia e relações vividas. O resgate da singularidade do sujeito consiste, em última instância, na apreensão do processo particular pelo qual se dá a construção de sua identidade.

Dessa forma, para que possamos compreender a identidade do índio Pataxó, é preciso que contemplemos a realidade que o cerca. Conforme Campos e Ferreira (2007, p.217) a realidade de cada pessoa vai se configurando processualmente por meio da sua relação com a sociedade em que se insere, em um movimento que tanto a identidade quanto a sociedade vão se construindo mutuamente. Pautado nesse princípio, para que possamos estudar a configuração identitária do Pataxó, precisaremos considerar a forma como este povo vive e se organiza, na medida em que o percurso para essa configuração se desenvolve numa perspectiva relacional em que as três instâncias — individual, social e histórica — influenciam-se e determinam-se processualmente. Portanto, não se faz possível dissociar o

estudo da identidade particular do indivíduo da sociedade da qual ele faz parte. Como afirma Ciampa (2004) é do contexto que o sujeito vive que emergem as alternativas de identidade.

O objetivo deste estudo é investigar como se configura a identidade do índio Pataxó hoje, analisando os elementos que ele percebe como representativos para a formação identitária do seu povo e a influência que os anos de contato com outra cultura provocaram na forma como vivem e, conseqüentemente, na construção da sua identidade. Para tanto, buscamos revisar e delimitar conceitos sobre identidade e processos culturais, reconhecendo elementos característicos que a tribo elege como necessários para a sua identificação, bem como analisando as questões que o Pataxó destaca como fundamentais para o seu pertencimento a esta etnia¹.

A importância deste estudo reside no fato de possibilitar a discussão sobre os processos de formação da identidade indígena, na medida em que poucos são os estudos encontrados que se debruçam sobre essa problemática, especialmente sendo eles fruto de trabalhos de graduação no âmbito da Psicologia. O contato com a comunidade Pataxó possibilitou-nos vivenciar experiências distintas, das quais tivemos conhecimento durante a nossa formação acadêmica, fazendo-nos acessar não somente uma cultura ‘exuberante’ aos nossos olhos desacostumados, mas, além disso, fez despertar em nós sentimentos como a relação íntima com a natureza, a solidariedade como prática habitual e, principalmente, o respeito ao ser humano.

No que diz respeito à orientação metodológica que sustenta este estudo, optamos por seguir os pressupostos qualitativos de investigação, utilizando a observação participante, análise do discurso e a interpretação dos dados em articulação com os fundamentos do conceito de identidade, cultura e história indígena. Utilizamos a metodologia qualitativa, por entendermos que ela contempla o nosso objetivo de maneira mais completa, na medida em que compreende os fenômenos estudados segundo a perspectiva dos sujeitos participantes da pesquisa (NEVES, 2006). Outro ponto que consideramos importante para a escolha desse método é o fato de a pesquisa qualitativa buscar os dados no ambiente natural em que eles acontecem.

A Aldeia Pé do Monte² foi o local escolhido para a realização do nosso estudo. Localiza-se no interior do Monte Pascoal, região sul do estado da Bahia, e possui uma extensão de 130ha. Nela habitam um total de 24 famílias e aproximadamente 100 pessoas. No transcorrer da pesquisa visitamos a aldeia em quatro momentos distintos: junho de 2004, junho de 2006 e nos meses de junho e julho de 2007.

¹ O termo *etnia* é utilizado neste artigo no sentido atribuído por Hall (2005, p. 62): “[...] características culturais — língua, religião, costume, tradições, sentimentos de ‘lugar’ — que são partilhadas por um povo”.

² O mapa de localização da Aldeia Pé do Monte constitui o Anexo A.

O ponto de partida da nossa investigação foi o levantamento de dados bibliográficos pertinentes ao tema e objetivo do estudo. No segundo momento da pesquisa realizamos uma observação sobre a maneira como os Pataxó vivem atualmente, para que pudéssemos obter maiores informações sobre a configuração da sua identidade. A observação participante, segundo Boni e Quaresma (2007, p.73): “[...] obriga o pesquisador a ter um contato mais direto com a realidade, procurando recolher e registrar os fatos sem a utilização de meios técnicos e especiais.” Para as autoras, ela se distingue da observação comum, na medida em que pressupõe a integração do investigador ao grupo investigado, ou seja, o pesquisador deixa de ser um observador externo aos acontecimentos e passa a fazer parte ativa deles.

Após esse primeiro contato com a comunidade, iniciamos as entrevistas³. Em função do nosso objetivo, optamos por realizar entrevistas abertas, na medida em que elas possibilitam obter maior número de informações sobre o tema, segundo a visão do entrevistado, além de proporcionar mais detalhes sobre o assunto em questão. Segundo Minayo (1993), esse instrumento é geralmente utilizado para compreender as especificidades culturais dos grupos sociais. Campos e Ferreira (2007) apontam como vantagens da entrevista aberta a elasticidade quanto à duração, permitindo uma cobertura mais profunda sobre determinados assuntos, o favorecimento de respostas espontâneas em função da interação entre o entrevistador e o entrevistado e a possibilidade de contemplar nas pesquisas pessoas que não sabem ler ou escrever.

O grupo pesquisado é composto por seis adultos pertencentes à aldeia Pé do Monte, divididos igualmente por sexo e a sua escolha não envolveu métodos estatísticos. Foram selecionados sujeitos que ocupavam diferentes lugares na organização social da comunidade e que demonstravam desenvoltura quanto à articulação oral e expressão verbal, considerando que a cultura indígena utiliza símbolos e significantes distintos dos nossos, o que pode justificar a pouca habilidade que os Pataxó demonstram no manejo da língua portuguesa. Dessa forma, optamos por entrevistar sujeitos que compreendiam as nossas questões e tinham domínio lingüístico que lhes permitiam respondê-las.

Inicialmente entrevistamos duas índias jovens, V., 19 anos e P.B., 22 anos, ambas casadas e com três filhos. A terceira mulher, M.S., 55 anos, também casada, 11 filhos, é uma figura de referência na aldeia, pois exerce a função de “parteira” da tribo. Quanto aos homens, seguindo os requisitos acima citados, entrevistamos B.V., 28 anos, casado com P.B., que, atualmente, desempenha a atividade de agente de saúde da Fundação Nacional do Índio

³ As entrevistas realizadas encontram-se transcritas na íntegra, com as falas reproduzidas de forma fidedigna ao relato coletado (ver Apêndice A).

(FUNASA); A.G., 54 anos, casado com M.S. e, por fim, o cacique da tribo, O.S, 47 anos, casado, pai de 6 filhos.

A escolha por um número reduzido de participantes deu-se fundamentada na teorização de Rey (2005), que propõe ser legítima a produção de conhecimento científico independentemente da quantidade de indivíduos pesquisados. O importante é que eles possuam relação com a finalidade do estudo.

Na pesquisa qualitativa, o sujeito assume caráter essencial, pois, conforme aponta Rey (2005, p.113) é “[...] o estudo da singularidade que nos permite acompanhar um modelo de valor heurístico para chegar a conclusões que estão além do singular e que são inexequíveis sem o estudo das diferenças que o caracterizam”. Acreditamos que o conhecimento particular das experiências do grupo entrevistado contribui para uma compreensão mais aprofundada das características culturais do povo Pataxó da Aldeia Pé do Monte, e da forma como, dialeticamente, eles constroem a sua identidade.

Para que pudéssemos apreender das entrevistas a base para a nossa pesquisa, recorreremos à análise do discurso, que, segundo Rocha e Deusdará (2007, p. 308), possibilita uma articulação entre “[...] linguagem e sociedade, entremeadas pelo contexto histórico [...]” dos sujeitos pesquisados. Para os autores, a linguagem produzida é o resultado do encontro com o social a partir das formas de interação situadas historicamente. Assim, Rocha e Deusdará (2007, p.317) argumentam que “[...] não há, em análise do discurso, um espaço para formas de determinismo que possam constituir um limite entre um interior (a linguagem) e o seu exterior (o social ou o psicológico). Há sim uma articulação entre esses planos”. Não se pode, portanto pensar numa abordagem discursiva dissociada da interação social. Dessa maneira justifica-se a nossa escolha em utilizá-la nesta pesquisa.

O nosso estudo propôs-se a investigar a identidade do índio Pataxó na perspectiva da Psicologia sócio-histórica, que a compreende como um processo em constante transformação. Para isso, inicialmente, utilizamos formulações teóricas sobre o conceito de identidade e, posteriormente, discutimos sobre o conceito de cultura, com o intuito de embasar a noção de identidade e auxiliar no melhor entendimento da realidade atual desta comunidade. Por fim, abordamos conteúdos relativos à história Pataxó, analisando as mudanças sofridas pelo seu contato com o não-índio, fazendo uso da observação participante e da análise dos discursos apreendidos por meio das entrevistas realizadas. Dessa forma, tentamos relacionar as informações obtidas em campo com os referenciais teóricos, especialmente aqueles que se referem à questão da identidade.

1 IDENTIDADE ENTENDIDA COMO PROCESSO

Para que possamos problematizar a identidade do índio Pataxó algumas questões se fazem importantes, necessariamente nessa ordem: inicialmente, problematizar o conceito de identidade que adotamos como base e, posteriormente, analisar as contribuições que a cultura assume para a configuração da identidade na perspectiva sócio-histórica.

O estudo da identidade tem merecido investimentos e reformulações teóricas que se estendem por todas as ciências sociais. Segundo Hall (2005, p.7):

A questão da identidade esta sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado.

O pensamento clássico ocidental propõe uma compreensão de mundo enquanto elemento sem dependência ou relação direta com o sujeito que nele está inserido. Para essa concepção, o indivíduo não interfere de forma ativa no funcionamento da realidade externa, bem como esta não possui qualquer implicação na sua constituição. Hall (2005) entende que sob esta ótica a identidade assume um caráter unificado, emergindo pela primeira vez quando o sujeito nasce, permanecendo a mesma ao longo da sua existência.

Ao contrário dessa perspectiva, entendemos como Hall (2005) e Ciampa (2001, 2004), que a construção subjetiva das identidades possui íntima ligação com a realidade que cerca as pessoas e que o conhecimento de si é dado pelo reconhecimento dos indivíduos pertencentes ao grupo social, com a sua experiência, os seus valores e as suas prioridades. O sujeito antes concebido como portador de uma identidade estável, nas palavras de Hall (2005, p.12) “[...] está se tornando fragmentado; composto não só de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas”.

Para Hall (2005, p. 12) a identidade costura o ser humano à estrutura social e assim “[...] estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos mais unificados e predizíveis”. Aqui falamos de um ser humano que se forma na relação dialética, sócio-histórica, que ao mesmo tempo é único e mutante e não se separa da realidade que o circunda. A identidade nessa perspectiva seria o resultado de um processo de constituição social do sujeito, elaborado por meio das suas mediações com o contexto em que vive. Consoante Ciampa (2001, p.64):

A identidade do outro reflete na minha e a minha na dele [...] O conhecimento de si é dado pelo reconhecimento recíproco dos indivíduos identificados através de um determinado grupo social que existe objetivamente, com sua história, suas tradições, suas normas, seus interesses, etc.

O ser humano não nasce, portanto, com uma identidade definida *a priori*, mas o seu desenvolvimento está atrelado ao seu processo de inserção na cultura e nas relações que a partir dele se formam. Disso Ciampa (2001) conclui que a identidade de uma pessoa é um fenômeno social e não natural, onde não se podem separar os fatores biológicos, psicológicos e sociais que o caracterizam.

Hall (2005, p.12) argumenta ainda que “[...] o próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático” e define a identidade como uma “celebração móvel” formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos identificados nos sistemas culturais que nos rodeiam. Assim, ela seria:

Algo formado ao longo do tempo através de processos inconscientes e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento [...] Ela permanece sempre incompleta, está sempre em “processo”, sempre sendo formada [...] Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento (HALL, 2005, p.24).

Para Ciampa (2001) e Bernardes e Hoenisch (2003) a identidade pessoal é construída mediante a relação do sujeito com a dinâmica social; o seu desenvolvimento acontece com base em uma articulação entre igualdades e diferenças. A identidade não se reduz somente à compreensão de um sujeito que se distingue de outro, mas indica semelhanças em relação a determinado grupo de referência. Esse processo favorece a conscientização do indivíduo por meio de comparações que estabelece nas relações sociais que mantém. Segundo Hall (2005) o processo de construção das identidades está sempre envolvido com a diferença, com a relação com aquilo que não é, sempre referido ao outro — sou o que o outro não é. Dessa forma, nem a identidade, nem a diferença são produtos naturais, mas devem ser entendidos como processos fundamentalmente sociais e culturais (BERNARDES; HOENISCH, 2003).

Ciampa (2001, p. 243) acrescenta que não se pode considerar a identidade como um produto estático, mas deve-se concebê-la como um processo de metamorfose, onde “[...] a abordagem dialética da categoria permite levantar relações de aspectos individuais com aspectos sociais, políticos, econômicos, históricos, etc. Há o esforço de mostrar ao indivíduo como conjunto das relações sociais dentro da história”.

Para Lopes (2002, p.22) é preciso compreender que a identidade, enquanto metamorfose:

Não significa necessariamente um processo de fragmentação e re-totalização com nova orientação, mas sim, mudança substancial de um estado do ser, compreendida nas suas relações estruturais consigo mesmo, com a sociedade, com a comunidade e com o ambiente.

Baptista (2007) acredita que a trama identitária se estabelece com base em relações de oposição e composição entre pessoas, grupos e instituições, envolvendo os elementos subjetivos e os objetivos contextualizados sócio, econômico e culturalmente. Dessa forma, para esse autor, a dinâmica mutante da identidade é possibilitada tanto pelas condições objetivas, como a estrutura social e os grupos de referência, quanto pelas subjetivas, representadas principalmente pela capacidade de reflexão de cada indivíduo. Assim, Baptista (2007, p.33) diz:

Esse tipo de estudo de identidade pressupõe que se leve em consideração seu desenvolvimento composto por movimentos, transformações, conflitos, contradições, antagonismos, reposições, conexões, interações e interdependências, tanto no nível individual quanto no social.

Analisando a relação entre objetividade e subjetividade na construção da identidade Aguiar (2000) propõe que esta deve ser compreendida como um processo de mediação, onde um existe por intermédio do outro. Dessa forma, é pela atividade externa que surgem as possibilidades de reconstrução da atividade interna. O ser humano é ativo e a sua identidade não constitui uma mera transposição do social, mas, ao contrário, o movimento de apropriação envolve a atividade do sujeito. Nesse sentido, o homem transforma a natureza por meio da sua atividade e assim transforma-se a si próprio por meio da relação dialética com o contexto social. De acordo com Carrano (2000 apud SILVA, 2005, p.5):

O processo de identificação ocorre num mundo de complexidades, de possibilidades e de escolhas [...] O “eu” é relacional e móvel, se redefinindo continuamente como resposta a uma dinâmica social que exige uma multiplicidade de linguagens e relações para a produção das identidades.

Isso gera uma configuração identitária compreendida enquanto movimento e processo, ou seja:

Só posso comparecer no mundo frente a outrem efetivamente como representante do meu ser real quando ocorrer a negação da negação, entendida como deixar de presentificar uma apresentação de mim que foi cristalizada em momentos anteriores — deixar de repor uma identidade pressuposta. (CIAMPA, 2001 p.70).

A identidade não está definida e muito menos garantida de antemão devido ao caráter social e histórico do ser humano e, dessa forma, não devemos supor a existência de um destino traçado ao nascer. As diversas possibilidades subjetivas encontram-se em estreita relação com as diferentes ordens sociais. Conforme afirma Ciampa (2001, p.72), é da relação com o contexto histórico e social em que o homem vive que “[...] emergem as possibilidades ou impossibilidades, os modos e as alternativas de identidade”.

Nesse sentido, para que seja possível compreendermos a construção da identidade faz-se necessário conhecermos a sua correlação com a cultura à qual está interligada, na medida em que consideramos que as identidades são formadas e transformadas no interior da cultura. A Psicologia Social insere-se nesta discussão por acreditar que a interação entre essas categorias fundamenta as relações humanas e a formação das identidades (NEVES, 2007).

Sobre isso, Guareschi, Medeiros e Bruchi (2003, p.32) comentam:

Uma das marcas básicas da Psicologia Social, tomada como um projeto mais amplo, é a importância que esta deve dar ao contexto onde se dá a ação social, ao foco localizado e historicamente específico, à atenção às especificidades e particularidades articuladas a uma conjuntura histórica determinada, produzindo, então, pesquisas e teorias engajadas nas práticas e lutas sociais e nas diferenças culturais que constituem e são constituídas através das relações das pessoas.

Para as autoras, o objeto central da Psicologia Social é a compreensão das interseções entre as dinâmicas sociais, culturais, históricas e as relações que os sujeitos constroem e passam a ser construídas por elas.

Ao configurarem o seu processo identitário, os sujeitos o fazem inseridos num determinado local que possui valores específicos e somente na relação com os seus semelhantes geram a sua própria identificação. Sendo assim, a identidade e a cultura são produzidas continuamente e uma implica na outra, influenciando-se dialeticamente em uma intensa teia dinâmica. Garcia (2004, p.82) propõe que o interesse pelo estudo da identidade relacionada à cultura está ligado à “[...] percepção de que o lugar do indivíduo no mundo passa por investimentos simbólicos — comportamentos, atitudes, opiniões — pelos quais ele se afirma e negocia com os demais atores sua forma de inserção na sociedade”.

Nesse sentido, conforme aponta Bernardes e Hoenisch (2003), cultura não se refere somente ao domínio material, mas também, e principalmente, ao domínio simbólico que constitui a vida social. Hall (1997 apud BERNARDES; HOENISCH, 2003, p.112):

Argumenta-se que os processos econômicos e sociais, por dependerem do significado e terem conseqüências em nossa maneira de viver, em razão daquilo que somos —nossas identidades — e dada a forma como vivemos também têm que ser compreendidos como práticas culturais.

Pensar a cultura dessa maneira significa construir visões de mundo e posições do sujeito diante dele. Nessa perspectiva, as autoras afirmam que as práticas culturais são constituidoras de identidades.

Parafraseando Burity (2002), Garcia (2004, p.82) ressalta que a problemática da cultura é hoje uma questão importante que “[...] retrata não apenas uma orientação teórica no campo das ciências sociais, mas também reagrupa as preocupações classicamente associadas à cultura em torno do tema da identidade”. Isso significa que a configuração social é culturalmente construída, assim como podemos dizer também que a cultura é uma construção social. Segundo o autor, ela “[...] interage de forma complexa com os diferentes lugares e práticas onde se situam ou por onde circulam os agentes sociais, dando sentido e direção — ou questionando-os — aos seus pertencimentos e ações” (GARCIA, 2004, p. 82).

A concepção de cultura que elegemos como norteadora do estudo identifica-se com processos em constante transformação e, por isso, não deve assumir características fixas e imutáveis. Considerando o que nos traz Cohn (2007, p.37) deve ser entendida “[...] como meio de reprodução social que é pautada também pela história”. A sua fundamentação nega a existência de valores e tradições formadas por elementos rígidos e persistentes e contempla a possibilidade de mudanças que sofre influência dos processos sociais variáveis ao longo do tempo, inclusive do papel de criador do ser humano.

Tal definição está de acordo com a seguinte proposta de Cunha (1987, p.116):

Traços culturais poderão variar no tempo e no espaço, como de fato variam, sem que isso afete a identidade do grupo. Essa perspectiva está, assim, em consonância com a que percebe a cultura como algo essencialmente dinâmico e perpetuamente reelaborado. A cultura, portanto, em vez de ser o pressuposto de um grupo étnico, é de certa maneira produto deste.

Sendo assim, é difícil conceber uma sociedade imune à influência ou mesmo à substituição de valores quando em contato com outro grupo social. A interação entre duas culturas diferentes pode ser entendida, segundo Ribeiro (1996, p. 152), como um processo que contempla duas dimensões, sendo uma delas a

[...] de estado ou etapa em que se acha uma determinada população ou grupo indígena na história do seu relacionamento com outro povo, ou seja, o grau de contacto [e a outra] [...] de processo, isto é, o modo pelo qual o contacto evolui e se

desenvolve, os mecanismos que lhe são subjacentes, sua estruturação e sua dinâmica.

A interação entre grupos sociais distintos acarreta normalmente certo distanciamento de antigas tradições e a substituição de elementos culturais por atributos adquiridos desse convívio. No nosso caso, com referência ao processo cultural indígena, Oliveira (1999, p.117) assegura que “[...] a incorporação de rituais, crenças, práticas exógenas não necessariamente significa que aquela cultura já não seria ‘autenticamente indígena’.” Complementando o entendimento das alterações culturais provocadas pela incorporação de novas atividades, Ribeiro (1996, p.377) afirma:

A adoção de elementos culturais estranhos não é dissociativa em si mesma. Qualquer cultura representa o resultado, em certo lugar e em certo momento, de um sem-número de mudanças que se processaram tanto por adoção como por descoberta, invenção ou redefinição de antigos elementos. Toda cultura, mesmo a mais estável, está permanentemente envolvida nesta substituição de valores, técnicas e equipamentos, tornados arcaicos no próprio desenvolvimento da vida social.

Reforçando o quadro criado pela experiência do contato entre as culturas, Schaden (1969, p. 187) complementa:

Uma vez que o convívio mais ou menos permanente com os brancos modifica sempre o quadro de referência para a concepção da personalidade ideal, que deixa de ser determinado exclusivamente pelos padrões originais da tribo, adoção de hábitos alimentares de caboclos e de sitiantes tem como um dos estímulos o desejo de parecer civilizado, assim como se dá com a indumentária, a língua e outros elementos que simbolizam um status superior.

O contato dos índios brasileiros com outra civilização acarretou impactos culturais como: a alteração do seu *habitat* natural, interferindo no desenvolvimento da fauna e da flora da região, o que vem comprometendo a sobrevivência da população indígena que no passado vinculava-se à prática da caça, pesca e colheita. O território também foi diminuído drasticamente, tanto na sua extensão quanto na qualidade das terras ofertadas. Sobre isso Ribeiro (2006, p.132) pondera: “[...] é o direito de ser índio, mediante a garantia de um território onde possam viver sossegados, a salvo de ataques e reconstruir sua vida e costumes.”

A luta territorial configura-se como questão fundamental para a sobrevivência do índio e ocupa lugar de destaque na sua organização social e nos aspectos relacionados à preservação cultural e identitária. A posse da terra é condição fundamental para o desenvolvimento e a subsistência indígena. Como entende Ribeiro (1996, p.218): “[...] o índio sempre teve

reconhecido seu direito a terra. Esta prerrogativa data de um alvará de 1680, que os define como ‘primários e naturais senhores dela’.”

A língua caracteriza-se como elemento essencial para a identificação de um povo e este é outro ponto que interfere na manutenção da cultura indígena no Brasil. Nas palavras de Cunha (1987, p.100). ela pode ser entendida como “[...] um sistema simbólico que organiza sua percepção do mundo”. Dessa forma, a linguagem destaca-se como aspecto de extrema importância para a preservação dos índios enquanto grupo étnico. Sobre esta questão Ribeiro (1996, p.282) argumenta:

A língua constitui um dos elementos mais persistentes da cultura; todavia ela reflete forçosamente as experiências vividas pelo grupo. Assim, concomitantemente com os processos de integração e aculturação, altera uma diversificação da língua, quando menos para exprimir um novo mundo em que o grupo vai se integrando. Com o avanço daqueles processos, a língua nativa passa a sofrer mudanças decorrentes da circunstância e de ser falada por indivíduos bilíngües e, em certos casos, pode entrar em competição com um novo idioma indígena ou com o português, acabando por ser abandonada. A simples necessidade de comunicação com os representantes da sociedade nacional leva rapidamente alguns indivíduos a se esforçarem para dominar o português [...] Nos grupos integrados se observa uma verdadeira competição entre as duas línguas, tendendo a conduzir ao abandono da língua materna quando interferem certos fatores sociais desfavoráveis.

No seu livro *Os Índios e a Civilização*, Ribeiro (1996) descreve os seguintes efeitos como consequência da adoção de elementos culturais estranhos pelos índios: maior eficiência nas tarefas produtivas (como caça, pesca, coleta e agricultura), mas que teve como consequência o desenvolvimento de uma dependência econômica da sociedade; aumento da eficiência pessoal, tornando cada indivíduo independente das formas coletivas de trabalho; disponibilidade de tempo para o lazer; necessidade de especialização dos indivíduos para lidar com os novos instrumentos adquiridos; desenvolvimento de atitudes racionalistas e competitivas; desorganização social; predomínio de uma visão mais objetiva do mundo; introdução de novos conceitos, tais como propriedade e herança; criação de novas necessidades que só podiam ser satisfeitas por meio do comércio com os civilizados, o que os obrigou à diversificação da economia tribal, a fim de produzir artigos para a troca, ou servirem, eles próprios, como mão-de-obra assalariada.

Diante dessas transformações, os índios adotaram novas formas de sobrevivência. Como cita Ribeiro (1996, p.245):

Todos esses desafios convergem para o imperativo de se transfigurarem biológica, social e culturalmente a fim de sobreviverem em novas condições extremamente tensas e sob a ameaça permanente de um colapso cultural que condenaria seus membros à anomia.

Ao longo dos anos o indígena, de modo geral, tem estabelecido uma aproximação cada vez mais fortalecida com a cultura branca, absorvendo costumes que não faziam parte do seu repertório e instaurando novas configurações identitárias. Os ditames impostos pela aculturação⁴ indígena não são características da sociedade atual, mas vem de longa data, época em que os portugueses aqui aportaram. Esse é, portanto, um movimento processual que tem se desenrolado paulatinamente pelo estreitamento da interação do índio com o branco e do esvaziamento das suas práticas tradicionais (COHN, 2007).

Consoante Ribeiro (2006), a introdução européia no mundo indígena acabou por alterar significativamente o curso da história até então vivida pelos nativos. A relação inicial estabelecida por eles com os portugueses desenvolveu-se de forma conflituosa, expressando-se por meio de diversos aspectos, assim referidos pelo autor:

No biótico como uma guerra bacteriológica travada pelas pestes que o branco trazia no corpo e eram mortais para as populações indenes. No ecológico, pela disputa do território de suas matas e riquezas para outros usos. No econômico e social, pela escravização do índio, pela mercantilização das relações de produção, que articulou os novos mundos ao velho mundo europeu como provedores de gêneros exóticos, cativos e ouro. No plano étnico-cultural, essa transfiguração se dá pela gestação de uma etnia nova que foi unificando, na língua e nos costumes, os índios desengajados de seu viver gentílico, os negros trazidos da África, e os europeus aqui querenciados. Era o brasileiro que surgia, construído com os tijolos dessas matrizes à medida que elas iam sendo desfeitas. (RIBEIRO, 2006, p. 27).

O distanciamento de antigas tradições culturais, característico do contato com culturas predominantes, foi uma questão percebida por Ribeiro (2006, p.39) no seu estudo com sociedades indígenas brasileiras, quando diz que a ausência de algumas práticas e crenças, assim como o afastamento dos seus valores acabaram instaurando “[...] a negação mais horrível do passado, uma vida indigna de ser vivida por uma gente verdadeira”. O que temos enquanto realidade indígena atualmente é resultado desse processo cultural mutável, que manteve desde o início uma importante ligação com povos mais impositivos. Faz-se necessário então delinear um paralelo com o lugar que o índio tem ocupado na sociedade brasileira no decorrer da sua história.

⁴ A noção de aculturação compreende o processo paulatino de perda cultural ao qual os povos ditos primitivos estariam especialmente submetidos. Essa concepção define a cultura a partir de uma idéia de conjunto de traços que podem ser perdidos. Diz-se que um povo é assim denominado, quando adquire características culturais de um grupo diferente do seu, com o qual estabelece contato direto (COHN, 2007). Essa é a concepção que norteia o processo civilizatório sob o qual o índio brasileiro foi submetido na colonização.

2 HISTÓRIA DO ÍNDIO PATAXÓ

O contingente populacional de referência, utilizado para designar os índios que habitavam o Brasil em 1500, segundo dados de Ribeiro (2006, p.128), é de 5 milhões, que teria se reduzido a 4 milhões após um século, em virtude das epidemias trazidas pelos europeus. No século XVII persistiu a baixa populacional ocasionada pelos impactos da colonização europeia, reduzindo-se o montante indígena para 2 milhões. No século seguinte esse número diminuiu pela metade e, desde então, o último milhão restante vem decrescendo progressivamente, ocupando diversas áreas distribuídas pelo território nacional. Contudo as perdas não se limitaram somente ao seu contingente populacional, mas também se refletiram na ausência de determinadas práticas culturais, no redimensionamento dos seus modos de viver, na relação que estabelecem com a natureza e em algumas tradições construídas e mantidas por centenas de anos.

A Fundação Nacional do Índio (FUNAI) estima que atualmente vivam no Brasil cerca de 460 mil índios, perfazendo 0,25% do total da população nacional⁵. Segundo Guimarães e Grubits (2007), há indicadores de crescimento populacional, diante da continuidade dos mecanismos de proteção de taxas de natalidade superiores à média do país. Entre as comunidades indígenas é rica a diversidade étnica e pelo menos 180 línguas são faladas, formando mais de 30 famílias lingüísticas distintas. Dados oficiais deste órgão, sobre o mapa de distribuição dessa população no território brasileiro, mostram que vivem atualmente no Estado da Bahia, aproximadamente 17 mil índios, aglutinados em 15 grupos⁶ distintos, dentre eles o Pataxó.

De acordo com publicação da Secretaria da Educação do Estado da Bahia (BAHIA, 2005), em parceria com o Ministério da Educação e com professores indígenas, intitulada *Leituras Pataxó: Raízes e Vivências do Povo Pataxó nas Escolas*, o significado da palavra “Pataxó” tem origem no barulho do mar; quando as ondas batiam nas pedras do Monte Pascoal, ouvia-se “pa-tá”, e ao recuarem, “xó” era o som ouvido, formando assim a etimologia do termo. Ainda hoje a sua nomenclatura mantém-se preservada, sendo utilizada para descrever alguns índios que habitam o sul do Estado da Bahia.

A história desse povo foi marcada em especial por uma interrupção conflituosa referente à perda da terra que habitavam até meados do século XX. Isso refletiu no direito a

⁵ Vale ressaltar que este dado populacional refere-se apenas aos índios que vivem em aldeias, havendo estimativas que, além desses, existem entre 100 e 190 mil vivendo fora de terras indígenas (FUNAI, 2007).

⁶ Grupos indígenas que vivem na Bahia: Arikosé, Atikum, Botocudo, Kaimbé, Kantaruré, Kariri, Kiriri, Kiriri-Barra, Pankararé, Pankararú, Pataxó, Pataxó Hã Hã Hã, Tupinambá, Tuxá, Xucuru-Kariri (FUNAI, 2007).

exploração agrícola, na expressão genuína de costumes e tradições e, em última instância, na formação da sua identidade (SOTTO-MAIOR, 2005).

Em 1940, existia na região sul da Bahia apenas uma tribo Pataxó, conhecida como a *Aldeia Mãe de Barra Velha*, onde todos os índios da localidade viviam. Após um estudo realizado pelo Governo Federal sobre a demarcação da área indígena no Estado, baseado no decreto Lei nº. 12729 de 19 de abril de 1943, o Parque Monumento Nacional de Monte Pascoal foi fundado e os índios que habitavam esta aldeia foram obrigados a deixar o local. A expulsão das suas terras fez com que eles se organizassem em uma pequena comitiva, liderada pelo capitão⁷ Honório, seguindo para o Rio de Janeiro e Brasília no intuito de reivindicar o reconhecimento legal desta área que ocupavam há séculos (SOTTO-MAIOR, 2005).

Em 1951, o grupo retornou a Barra Velha acompanhado de dois supostos agentes governamentais, a fim de auxiliar na demarcação da terra Pataxó. Estes conquistaram a confiança das lideranças locais e persuadiram um grupo de índios a saquear um estabelecimento no povoado vizinho. O ato terminou por promover uma brusca e violenta reação por parte da população e dos policiais da redondeza. Como consequência, a aldeia foi cercada e a polícia disparou contra os índios que tentaram resistir. Ao final, ela foi incendiada, muitos índios foram espancados e mortos, alguns presos, mulheres foram estupradas por soldados e moradores da região, e grande parte da aldeia debandou, dispersando-se e aglomerando-se em novos pequenos grupos (SOTTO-MAIOR, 2005). Esse acontecimento ficou conhecido como o “Fogo de 51” e é retratado pelos Pataxó que vivem na Aldeia Pé do Monte.

Este conflito é um marco importante para os Pataxó, que reflete não somente na formação cultural dos índios ali locados como também tem consequências na maneira como as tribos se redistribuíram. É comum ouvir-se comentários entre eles sobre versões do episódio, em encontros informais, em discussões das lideranças e até mesmo na conversa com os visitantes. Após o massacre ao qual foram submetidos, a relação com culturas diferentes tornou-se mais acessível, já que a Aldeia Mãe de Barra Velha localizava-se numa região de difícil acesso no meio da floresta, enquanto as tribos formadas após essa diáspora encontravam-se muito próximas das cidades.

O Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (IBAMA) realizou alguns estudos na área, para mapear a forma como os índios se agruparam e conhecer o número de nativos que resistiram ao atentado e permaneceram no local. Segundo informações disponibilizadas na

⁷ No início do século passado, a aldeia era administrada por um líder denominado de “capitão” por influência do processo de colonização. Isso aponta para a consequência dos processos aculturativos e as mudanças que eles impõem à identidade étnica (BAHIA, 2005).

home page do Órgão, hoje existem onze aldeias no entorno do Monte Pascoal (IBAMA, 2006). Sotto-Maior (2005, p. 17) refere Paraíso (1998), quando discorre sobre as peculiaridades da organização desses índios:

Mesmo sendo resultado do desdobramento da Terra Indígena Barra Velha, essas aldeias apresentam peculiaridades quanto à organização espacial, cultural, de solidariedade, de parentesco e econômica, e à forma como seus moradores se relacionam com a sociedade dominante por terem adotado estratégias distintas para sua inserção no mercado.

Em 1997 os Pataxó retomaram o Parque Nacional do Monte Pascoal, até então gerenciado pelo IBAMA⁸, por meio da ocupação da sua guarita. É nessa área que atualmente se localiza a Aldeia Pé do Monte. A distribuição espacial das casas que a compõem sugere pistas sobre a sua organização social. A residência do cacique localiza-se em posição privilegiada, na entrada do Parque de onde ele consegue observar o que acontece na aldeia e acompanhar o movimento das pessoas que ali chegam.

As famílias são numerosas, com muitos filhos e os casamentos acontecem por volta dos 15 e 16 anos para ambos os sexos, prevalecendo a união entre os próprios índios. Os homens são considerados figuras de respeito na constituição familiar. O trabalho na aldeia é diferenciado pelo gênero⁹: enquanto os índios cuidam das tarefas na roça e na manutenção da aldeia, as índias são responsáveis pelos afazeres domésticos, preparo da alimentação, confecção de artesanato e cuidado com as crianças. Para o desempenho dessas tarefas são auxiliadas pelas filhas maiores. As crianças são criadas de forma livre e sem muito controle. Costumam correr pelas imediações do Parque, subir em árvores e brincar entre si. Tais práticas sociais demonstram distinções em relação à cultura branca, em que as divisões de funções e obrigações não mais se relacionam ao gênero, havendo uma alternância de papéis entre as atividades de homens e mulheres.

Algumas mudanças podem ser observadas na arquitetura das casas e na sua utilização. O que antes era construído com folhas de palmeira, hoje utiliza outras formas de construção, como o uso do pau-a-pique, apesar de ainda não possuírem reboco. A madeira utilizada na sua estrutura é retirada das matas do Parque. Atualmente, os Pataxó estão construindo casas no formato retangular e com divisórias internas — uma composição mais semelhante às

⁸ Segundo informa a Portaria nº 1.129/PRES de 29 de setembro de 2005, o IBAMA entrou na justiça federal com ação de reintegração de posse, mas apesar do pedido ter sido deferido, ainda não foi cumprido (SOTTO-MAIOR, 2005).

⁹ Apesar de saber que a questão do gênero é importante para compreender os papéis sociais, este tema não foi o objetivo do nosso trabalho.

encontradas nas grandes cidades — em substituição aos antigos “kijemes” arredondados e sem delimitação entre os cômodos. Para Schaden (1969), é certo que o tipo de habitação e a forma como elas são dispostas têm relação com a maneira como a sociedade se organiza. Nas suas palavras:

As mudanças que nesta se verificam não poderão, por conseguinte, deixar de refletir-se na arquitetura e na planta das aldeias ou cidades. Às tendências gerais da aculturação indígena em território brasileiro correspondem, assim, à substituição do tipo tradicional do rancho, da casa ou da maloca por construções à maneira cabocla, que também já não obedecem à disposição ou arranjo segundo o antigo padrão. (SCHADEN, 1969, p. 191).

Hoje, estradas chegam até as aldeias; a luz elétrica e água encanada são realidades para muitas delas. A tribo Pé do Monte ainda não foi beneficiada com essas aquisições e os seus habitantes continuam vivendo sem ter acesso ao saneamento básico e eletricidade, a despeito de o asfalto chegar até a porta das casas. A água que utilizam no dia-a-dia advém de uma nascente que existe no interior da Reserva. Os Pataxó se recolhem ao anoitecer e apenas em datas especiais montam uma fogueira para iluminar o ambiente.

A aldeia possui uma escola destinada às crianças, em que o educador não é indígena, mas disponibilizado pela prefeitura municipal de Itamaraju, que fica a aproximadamente 30 km. Os mais velhos não estudam na aldeia; dirigem-se diariamente, à noite, para esta cidade, em ônibus especialmente cedido pelo município.

Para os rituais, os Pataxó construíram, ao lado da escola, um quiosque circular que favorece o movimento da sua dança. Mais para dentro do Parque está o Museu do Índio que atualmente encontra-se desativado, mas, segundo afirmam, o Governo Federal já disponibilizou uma verba para a sua reforma. Existem também no local duas cabanas destinadas à comercialização do artesanato. São estruturas pequenas, feitas de forma muito simples com coberturas de palha e sem fechamento lateral. Nelas, as índias vendem os seus produtos aos visitantes. Em geral, são colares, pulseiras, pentes, arco e flecha, gamelas, todos confeccionados em madeira e enfeitados com penas de galinha tingidas e sementes de diversas tonalidades. A maior parte da matéria-prima utilizada vem da Reserva em que vivem e não é replantada. Esse comércio possibilita à comunidade gerar recursos para a sua sobrevivência.

O valor monetário é a finalidade maior da produção artesanal e o que a direciona. Como comenta Ribeiro (1996, p. 375):

Quando os índios são colocados em contato com correntes de turismo ou têm a oportunidade de conviver com camadas da população mais capazes de apreciar sua

arte, ainda que como exotismo, todas essas peças artesanais passam a insuflar seu orgulho e podem, por isso, sobreviver.

A descrição da aldeia Pé do Monte nos possibilita conhecer de maneira mais detalhada o lugar em que a comunidade vive atualmente e, assim contribui no estudo sobre a sua formação identitária na medida em que acreditamos que as disposições locais influenciam a sua organização social e a sua construção subjetiva.

3 IDENTIDADE DO ÍNDIO PATAXÓ HOJE

O intercâmbio cultural vivenciado pelo índio Pataxó ao longo dos anos de contato com outra cultura acabou por interferir na forma em que vivem, recriando determinados valores e costumes, além de gerar atualmente reflexos na perda de elementos importantes para a constituição da sua identidade. Como resultado desse processo, vimos que diversos aspectos sofreram influência direta: a língua utilizada, a forma de trabalhar, a valorização da natureza, a maneira como se vestem e se enfeitam, o que comem e até determinadas tradições que cultuam. Isto confirma a proposta de Ciampa (2001), quando relata que o desenvolvimento do ser humano, e conseqüentemente da sociedade da qual faz parte, não pode ser percebido em dissociação com o seu processo de imersão cultural, nem tão pouco compreendido numa perspectiva que não seja inter-relacional.

Para Ribeiro (1996), as transformações percebidas na sociedade indígena podem ser compreendidas como estratégias de sobrevivência diante das novas condições sócio-culturais. Um exemplo que ilustra claramente os reflexos desse movimento pode ser apreendido na fala de A.G., quando acusa os brancos de destituí-los dos seus direitos e de impor-lhes outros, especialmente no que se refere à demarcação territorial e à linguagem:

Acho que quando Pedro Álvares Cabral chegou encontrou só índio [...] as terras, os índios antigo vivia nas florestas sem poluição. Pedro Álvares Cabral repartiu e acabou os índios. Hoje existem poucos e esses índios vivem do nosso jeito. Antes era mais sossegado [...] acabou a nossa cultura através dos brancos. O índio falava de um jeito e eles achavam que o índio não devia falar assim, aí o índio mudou fala.

Este depoimento evidencia nitidamente a influência que a cultura branca exerceu sobre os índios e o quanto os seus costumes mais tradicionais têm se modificado, interferindo no modo como os Pataxó se organizam e gerenciam a sua vida. O movimento de variação cultural encontrado aqui também foi identificado por Cunha (1987) e Ribeiro (1996), ao afirmarem que os valores sociais tendem a se transformar com o tempo, conferindo à cultura

um caráter dinâmico que é a todo instante reinventado. O que em certa medida explica o processo atravessado pelos Pataxó.

Oliveira (1999) argumenta que é complicado pensar na preservação cultural de um grupo, quando este entra em contato com outra realidade e que a interação entre povos distintos não necessariamente provoca a perda da identidade, mas possibilita a criação de novas possibilidades de reconfiguração.

Dentre as mudanças sofridas pela comunidade estudada, destacaremos inicialmente as questões relativas à perda de parte da sua reserva territorial. Este é um fator fundamental para os índios, já que é após a sua posse que uma série de costumes se expressa, como a caça, a pesca, os rituais na floresta, a confecção dos artesanatos e o acesso aos substratos alimentícios (RIBEIRO, 1996).

Este foi um ponto muito enfatizado pelos Pataxó nas entrevistas, que a apontaram como elemento cultural de destaque para a sua identificação. O valor e o significado da sua relação com a natureza e especialmente com o seu território, ultrapassam a questão monetária, assumindo significado simbólico fundamental para a identificação deste grupo. A importância do espaço territorial não é, no entanto, uma característica específica deles, mas configura-se como um fator de extrema relevância para os índios enquanto etnia. Como prova disso, podemos citar o documento histórico conhecido como “Carta do Cacique Seattle¹⁰”, datado de 1854, em que o líder responde ao então presidente norte-americano Franklin Pierce, quando pressionado a vender as suas terras: “Como é que se pode comprar ou vender o céu, o calor da terra? Cada pedaço desta terra é sagrado para o meu povo [...] A seiva que percorre o corpo das árvores carrega consigo as lembranças do homem vermelho [...] Somos parte da terra e ela faz parte de nós.” (COMITÊ PAULISTA PARA A DÉCADA DA CULTURA DE PAZ, 2007, p. 2).

A estima e o valor sentimental destacados acima também são encontrados na relação que os Pataxó estabelecem com a sua terra. Isso fica explicitado na fala dos índios A.G. e B.V. O primeiro afirma: “Nossa terra é a primeira coisa que nós depende. Estando com nossa terra realizada estamos sossegados” O outro diz: “[...] terra é o que estamos reivindicando hoje. Espaço para morar, floresta, meio ambiente para se alimentar. Na terra você tem como preservar a sua fauna e flora. O índio sem a terra é um pássaro preso”. Fica evidente, portanto,

¹⁰ O cacique Seattle, chefe das tribos Suquamish e Duwamish, elaborou uma carta em retaliação ao governo dos Estados Unidos que tentava convencê-lo a vender suas terras e se instalar em uma reserva indígena (COMITÊ PAULISTA PARA A DÉCADA DA CULTURA DE PAZ, 2007).

que, à primeira vista, a importância do território pode ser considerada universal para a identificação indígena.

A diminuição do espaço territorial disponibilizado hoje para os Pataxó, bem como a infertilidade de parte dele e a ausência de recursos hídricos naturais que ajudem na melhor produtividade do local têm interferido no equilíbrio dessa relação. Essa questão foi também discutida por Ribeiro (2006) nos seus estudos, quando propôs que ao índio deve ser garantida a possibilidade de viver em contato com a natureza, para que dessa forma possa dar continuidade a suas tradições e costumes que dele dependem. Sobre isso o Pataxó O.S., complementa:

Hoje mudou muito porque os antigos Pataxó vivia em harmonia dentro da floresta. Tinha muito peixe no rio, caça e pássaro e hoje isso tudo já acabou. Hoje já acabou nossas florestas, peixes, caças, rio eu sinto que já estão poluídos [...] Antes quando nossos anciãos vivia, ele vivia no jardim, tomavam banho de água cristalina, não tinha poluição, tinha muita caça, pássaro, era diferente. Hoje para beber água saudável de boa qualidade precisa que a FUNASA fure um poço, assim como para vocês. Está me deixando triste. Meu tempo de infância, se eu contar meu sofrimento, dói meu coração.

A impossibilidade de adquirir da terra os meios de subsistência, devido às inadequadas condições produtivas que possui, levou os Pataxó a criar novas maneiras de sobrevivência. Com a redução do seu território e a devastação das matas no entorno, os indígenas se mantêm economicamente da colheita de alguns produtos disponíveis no local, venda do seu artesanato, tanto nas cidades vizinhas quanto aos turistas que visitam a Reserva, e de alguns auxílios governamentais. A transformação ou destruição dos recursos naturais antes disponíveis, como aponta Schaden (1969, p.185) “[...] leva muitos grupos a um estado de subnutrição, que lhes reduz sensivelmente a resistência às enfermidades a que os expõe o contacto com representantes do mundo civilizado”.

Outro ponto fundamental na construção da identidade deste povo é a relação que estabelecem com a natureza e com os elementos que a compõem. Como parte integrante do ambiente que os rodeia, os animais possuem grande valor para o grupo. Na crença Pataxó, quando um índio mata um deles para comer, terá bons sonhos, sinal de prosperidade, paz e felicidade. A mãe natureza é reverenciada por meio de rituais de dança e música que representam a sua cultura, luta, resistência e fé. Através dessas celebrações, entram em contato com a terra e com todo o ambiente natural. Esses elementos encontram-se interligados e fazem parte do cotidiano do índio Pataxó. O.S. sustenta essa idéia:

Tenho muita fé em Tupã que não deixa acontecer o que vem acontecendo com o nosso povo sofrendo. O Pataxó é nato deste povo. Quando Deus fez florestas, água, peixe, caça, o índio nasceu da terra. Quando Deus plantou as ervas por isso tem muito amor pela natureza e árvores.

Nas nossas visitas, constatamos a presença de poucos animais circulando pela aldeia. Vimos apenas alguns cachorros domésticos e soubemos pelos entrevistados que no Parque Nacional existiam espécies de outros animais que, segundo eles, não são mais alvo para caça.

Como vimos, outro fator importante para a identidade dos Pataxó, enquanto grupo étnico, refere-se a sua linguagem, isto porque, como identifica Ribeiro (1996), os processos de aculturação influenciam diretamente na proposta lingüística de um povo. A necessidade de comunicação com o não-índio exigiu deles um esforço na compreensão e utilização da língua portuguesa o que redundou no desligamento progressivo da sua língua materna.

Na aldeia Pé do Monte, percebemos a perda completa da linguagem originalmente falada pelos Pataxó, com a conservação apenas de algumas expressões indígenas na construção dos seus discursos, como podemos verificar na maioria das falas transcritas neste artigo. Sobre isso A.G. acrescenta: “[...] acabou a nossa cultura através dos brancos. O índio falava de um jeito e eles achavam que o índio não devia falar assim, aí o índio mudou fala”. Guareschi, Medeiros e Bruschi (2003) enfatizam que a linguagem, além de produzir o que percebemos como realidade, também produz os sujeitos dessa realidade e as suas identidades.

A língua de um povo configura-se como fator fundamental para a sua estruturação psíquica, capacitando-o para lidar com o mundo e percebê-lo (CUNHA, 1987). Assim, a sua configuração relaciona-se com a construção dos processos identitários, já que a forma como ele organiza os elementos que a compõem interfere diretamente na formação das suas estruturas subjetivas e vice-versa. Entendemos que tal construção só pode ser desvelada com base na relação que possui com a realidade que a circunda e, portanto, conhecer a forma como os Pataxó vivem hoje e a sua história é de grande valia para que possamos compreender a identidade desse grupo.

É necessário citar também o uso deliberado de roupas industrializadas na aldeia, por homens, mulheres, crianças ou adultos, acarretando na diminuição da utilização das pinturas corporais. Essa prática representa parte da sua história e sentimentos, sendo diferente de acordo com o sexo, a idade e o local em que são desenhadas. Porém, a despeito de O.S. relatar que os Pataxó continuam a fazer uso desses ornamentos — “A gente continua mantendo nossa cultura, tradição, identidade, pintura, cultura. Mesmo com a chegada dos portugueses em 1500 estamos nos nossos costumes dos anciões” — nas nossas visitas a aldeia não os vimos

utilizando tintas na pele, adornos corporais ou vestimentas artesanais fora do contexto dos rituais. Usavam normalmente roupas fabricadas na cidade e apenas algumas crianças andavam descalças e desnudas. Isso nos sugere que essas práticas não se configurariam mais como elementos característicos para a identificação do Pataxó hoje.

Atualmente, esse costume é praticado apenas em ocasiões especiais, como nas apresentações públicas na própria aldeia ou nas cidades vizinhas e nos rituais. Nessas datas eles se pintam (de urucum ou jenipapo), vestem saias de palha e se enfeitam com adereços típicos. Isso está retratado nas palavras de B.V.:

Quando vamos fazer apresentação sem a gente falar nada ele [o índio] tem que tirar aquilo porque faz a diferença. Quando vai fazer reivindicação, o cacique não aceita que o índio esteja de brinco, óculos, o que for, mas hoje você tem que mostrar o que você é. Na prática, hoje temos que viver dessa forma; para conquistar alguma coisa você tem que estar como índio e mostrar a cultura do seu povo.

O consumo de bebidas alcoólicas foi outro hábito que sofreu transformações, especialmente o uso do aguardente de cana. Para Guimarães e Grubits (2007), a utilização de substâncias psicoativas em sociedades indígenas, inicialmente de cunho religioso ou médico, parece ter desaparecido. Em diagnóstico sobre a temática, a FUNASA (2000) indica que entre as enfermidades mais comuns nos grupos indígenas brasileiros está o alcoolismo e que o seu enfrentamento vem trazendo transtornos dentro das aldeias, seja do ponto de vista patológico, seja estrutural, social e cultural. Guimarães e Grubits (2007, p.47) observam que “[...] quanto maior é o grau de contato com a sociedade nacional envolvente, maior é o risco de exposição ao alcoolismo”.

Além da dependência química que o seu consumo acarreta, o álcool tem servido também para fomentar atitudes mais agressivas, criando novos tipos de comportamento e interferindo na forma como vivem (GUIMARÃES; GRUBITS, 2007). A índia P.B. na sua fala define isso de forma resumida: “Mudou muita coisa, mudou a violência por causa da cachaça”. O aumento na incidência da utilização de bebidas alcoólicas pode estar atrelado à atual condição socioeconômica da comunidade e à falta de atividades gerada pela crise territorial, configurando-se como reflexo da própria relação com a sociedade, pois, como afirmam Guimarães e Grubits (2007, p.46), isso “[...] tem ameaçado drasticamente a integridade do ambiente em que vivem as etnias indígenas, bem como seus saberes, sistema econômico e organização social”.

Merece atenção também a introdução de novos hábitos alimentares na sua dieta e o consumo de produtos como: arroz, feijão, macarrão, refrigerantes e outros tantos adquiridos

fora da aldeia. As conseqüências dessas mudanças extrapolam a alteração do cardápio alimentar, refletindo na quantidade de tempo dispensado para o seu preparo, no armazenamento do seu estoque, na forma como fazem as refeições e no equilíbrio do seu organismo antes acostumado somente à ingestão de elementos frescos e naturais. A inserção desses itens criou uma dependência da comunidade com a metrópole. Isso pode ser verificado na fala da Pataxó V.:

Antigamente não era que nem agora. Antigamente os pessoal não andava que nem a gente, não andava vestido, não bebia o que bebemos hoje, não comia o que a gente come. Comiam coisas do mato [...] hoje comemos arroz, feijão, macarrão, galinha, tudo da cidade.

Como propõe Ribeiro (1996), essas mudanças são conseqüências tanto da redução da disponibilidade de determinados alimentos antes obtidos com a caça ou a coleta, como também da perda do vigor físico pelos índios, devido à adoção dos novos hábitos alimentares.

Contudo os índios mais velhos ainda parecem preservar antigos hábitos e preferências, priorizando ainda uma vida “no mato” ou, como define O.S., cacique da aldeia, “Queria viver hoje na mata sem usar nada do branco, sem relógio, roupa, só usar tupiçai¹¹ dos antepassados”. Já nas gerações mais novas, podemos perceber uma atração vívida pelos encantos disponibilizados no mundo “civilizado”, quando P.B relata: “As coisas antes é mais difícil, hoje é mais fácil trabalhar, arrumar dinheiro, roupa, calçado, comida, ir na cidade. Eu trabalho de fazer colar e vendo aqui”. Com isso, observamos que as mudanças no estilo de vida desse povo decorreram dos anos de contato com o branco e do seu posicionamento e enfrentamento diante da relação que estabeleceram com este grupo, o que acabou conduzindo à adoção de novas formas de comportamento e à reconfiguração da sua identidade.

Com base em nosso estudo, percebemos que a quebra dessas barreiras de contato fizeram com que muitos objetos que antes eram considerados exóticos tenham se transformado em presenças comuns no cotidiano das aldeias, especialmente com relação às mulheres, com novas práticas, principalmente no que se refere aos quesitos estéticos de beleza, como vestuário, maquiagem e acessórios. A fala de B.V. retrata esse pensamento: “A mulher índia gosta de usar brinco porque gosta, porque acha bonito. Piorou por causa do contato com o branco.”

No entanto, os Pataxó ainda conseguem manter alguns princípios, a exemplo da solidariedade encontrada nas suas relações, fruto da forma igualitária em que se estruturam, onde a noção de pertencimento se amplia à esfera grupal com o compartilhamento de alimentos, moradias e tarefas cotidianas. Podemos perceber isso no comentário de O.S.:

¹¹ *Tupiçai* na linguagem indígena refere-se à tanga que os Pataxó utilizam como vestimenta.

Depois da guerra de 51, o massacre dos Pataxó, meu pai ficou um ano e meio colocando rede e pegando peixe para dividir com o nosso povo. Se faltava, ia no mangue pegava caranguejo e dividia. Por isso é um entendimento diferente. Vocês brancos não fazem com seus parentes e nós fazemos. Se nós caça ou pega peixe ou na rua compro comida com minha jokana¹², divide com os parentes. Nós temos esse costume social. Costume dos velhos, dividir o pão com os irmãos, o que está na escritura sagrada. Dar pão a quem tem fome e água a quem tem sede. Lá fora, se não temos o dinheiro, nós morremos de fome e passamos muita necessidade.

Este relato corrobora a afirmação de Ribeiro (1996) de que a solidariedade é uma característica marcante na maneira como os índios se relacionam entre si. Tal comportamento não se perdeu com o tempo, nem com as influências externas. Como apresentamos ao longo do texto, esse é um dos elementos que continua presentes dentro do cotidiano Pataxó.

As transformações vivenciadas por eles e a forma como interferem na sua configuração identitária estão pautadas na idéia trazida por Ciampa (2001) de que não nascemos com uma identidade já formada, ou mesmo que a mantemos cristalizada ao longo do tempo, mas que, ao contrário, é do contexto histórico e social que germinam as relações que vão continuamente reconstruindo-a.

Ao abordar essa questão, Hall (2005) também enfatiza a importância exercida pelo momento histórico na formação identitária, já que diante das tendências atuais as identidades estão cada vez mais descentradas. Para o autor, ao mesmo tempo em que elas estão se desintegrando em virtude da homogeneização cultural e das novas tecnologias, também buscam resistir a este processo. Em resumo, dois movimentos aparentemente contraditórios ocorrem ao mesmo tempo: de um lado a forte tendência à universalização cultural; de outro a valorização da diferença e das peculiaridades encontradas nas minorias.

Atitudes como a solicitação de professores que conheçam o seu dialeto para que possam transmitir por meio de uma educação especializada a sua linguagem às gerações mais novas, a prática de alguns rituais, a luta pela retomada das terras, o desejo em registrar os seus filhos com nomes indígenas e o respeito à figura do cacique, apontam que os Pataxó buscam fazer ressurgir elementos culturais importantes, criando referências para o grupo e tentando assegurar a sua identidade de índio, a fim de conseguir sobreviver nos atuais moldes que formam a sociedade brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A necessidade de contemplar as condições individual, histórica, cultural e social nos movimentos de configuração identitária é importante, pois acreditamos que é a partir da

¹² *Jokana* é o termo utilizado para designar *mulher* na linguagem Pataxó.

relação entre eles que se situam as questões relativas à identidade. Isso implica no reconhecimento das transformações que se operam processualmente no campo das formações identitárias, compreendidas aqui em articulação com a conjuntura histórica e com o momento cultural vivido o que, por sua vez, as constitui. Nessa perspectiva, investigar a identidade do índio Pataxó hoje só se torna possível se pensarmos nesse processo como uma construção vinculada ao contexto histórico e não fora dele.

As modificações ocorridas na organização social deste povo ao longo dos anos de contato com outras culturas geraram reflexos na sua identificação, ao passo que os antigos elementos aos quais ele estava associado — viver isolado na floresta, rodeado por animais e rios em abundância, desenvolvendo atividades como caçar e pescar, andar nu, falar um dialeto próprio e alimentar-se naturalmente — não podem mais ser encontrados como práticas cotidianas na comunidade.

Portanto, para analisarmos a questão da identidade do Pataxó hoje, fez-se necessário identificar os elementos que o grupo atualmente percebe como representativos para a sua formação identitária. Segundo a nossa pesquisa estes elementos são: a relação que estabelecem com a terra e com o meio em que vivem; a utilização de expressões lingüísticas indígenas; a produção de artesanatos específicos da sua cultura; o uso de pinturas corporais e trajes típicos em apresentações públicas e rituais; além da solidariedade presente nas suas relações.

Dessa forma, concluímos que, a despeito de representativos, eles não definem por completo a identidade do Pataxó, na medida em que sofrem continuamente transformações a partir da relação que estabelecem com o contexto que os rodeia. Assim, a identidade assume uma configuração mutável, reconstruindo-se mediante os processos de interação com o meio, bem como com as elaborações individuais que surgem dessas relações. Isso corrobora a compreensão da identidade enquanto instância em processo de constante construção, o que nega a possibilidade de se constituir um conceito acabado sobre a identidade deste povo, já que ela vai se reconfigurando por meio de um movimento dialético em contínua transformação. Isto equivale a dizer que esses elementos representativos são pontos importantes para a configuração identitária do Pataxó atualmente, contudo, a mobilidade que o conceito assume requer que consideremos que a sua construção é constante. Assim, a identidade do índio Pataxó configura-se a depender do contexto social em que vive, da época histórica em que ele se encontra e do posicionamento que assume diante destes.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, W. Reflexões a partir da psicologia sócio-histórica sobre a categoria consciência. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 110, p. 125-142, jul. 2000.
- BAHIA. Secretaria da Educação. *Leituras Pataxó: raízes e vivências do povo pataxó nas escolas*. Salvador: SUDEB, 2005.
- BAPTISTA, M.T. *O estudo de identidades individuais e coletivas na constituição da história da psicologia*. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br>>. Acesso em: 10 ago 2007.
- BERNARDES, A.; HOENISCH, J. Subjetividade e identidades: possibilidades de interlocução da psicologia social com os estudos culturais. In: GUARESCHI, N., MEDEIROS, P. BRUSCHI, M. (Orgs.). *Psicologia Social nos estudos culturais: perspectivas e desafios para uma nova psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 95-126.
- BURUTY, J. (Org.). *Cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. Apud GARCIA, A. A identidade capixaba em questão: uma análise psicossocial. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 82-90, set./dez. 2004.
- BONI, V.; QUARESMA, S. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevista em ciências sociais. *Rev. Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, Florianópolis, v. 2, n. 3, p. 68-80, jan./jul. 2005. Disponível em: <<http://www.emtese.ufsc.br>> Acesso em: 10 ago 2007.
- CAMPOS, G. FERREIRA, R.. A importância da legitimação social na (re)construção da identidade de um alcoolista. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 24, n.2, p. 215-225, abr./jun/ 2007.
- CARRANO, P.C.R. Juventudes: as identidades são múltiplas. *Movimento: Revista da Faculdade de Educação da UFF*, Niterói, n. 1, maio 2000. Apud SILVA, I. *Importância da cultura na formação identitária da juventude*. GT 2 – Cultura, Trabalho e Identidade Social. Trabalho apresentado ao V Colóquio Internacional Paulo Freire. Recife, 19 a 22 de setembro, 2005.
- CIAMPA, A. *A estória do Severino e a história da Severina*. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- _____. Identidade. In: LANE, Silvia; CODO, W. (Orgs.). *Psicologia Social: o homem em movimento*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004. p.58-75.
- COHN, C. Culturas em transformação: os índios e a civilização. *São Paulo Perspec.*, São Paulo, v. 15, n. 2, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br>> Acesso em: 25 abr 2007.
- COMITÊ PAULISTA PARA A DÉCADA DA CULTURA DE PAZ. Um programa da Unesco 2001-2010. Carta do Chefe Seattle. Disponível em: <http://www.comitepaz.org.br/chefe_seattle.htm> Acesso em: 10 ago. 2007.
- CUNHA, M. *Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FUNASA - FUNDAÇÃO NACIONAL DE SAÚDE. *Home page*. Disponível em: <<http://www.funasa.gov.br>> Acesso em 10 ago. 2007.

FUNAI - FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO. *Home page*. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br>> Acesso em 25 abr. 2007.

GARCIA, A. A identidade capixaba em questão: uma análise psicossocial. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 82-90, set./dez. 2004.

GUARESCHI, N.; MEDEIROS, P.; BRUSCHI, M. Psicologia Social e estudos culturais: rompendo fronteiras na produção do conhecimento. In: GUARESCHI, N.; MEDEIROS, P.; BRUSCHI, M. (Orgs.). *Psicologia Social nos estudos culturais: perspectivas e desafios para uma nova psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 23-49.

GUIMARÃES, L.; GRUBITS, S. Alcoolismo e violência em etnias indígenas: uma visão crítica da situação brasileira. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, v.19, n. 1, p. 45-51, jan./abr. 2007.

HALL, S. *Representation: Cultural representations and signifying practices*. London: Sage Publications, 1997. Apud BERNARDES, A.; HOENISCH, J. Subjetividade e identidades: possibilidades de interlocução da psicologia social com os estudos culturais. In: GUARESCHI,

N., MEDEIROS, P. BRUSCHI, M. (Orgs.). *Psicologia Social nos estudos culturais: perspectivas e desafios para uma nova psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 95-126.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: BP&A, 2005.

IBAMA - INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS. *Home page*. Disponível em: <<http://www.ibama.gov.br>> Acesso em 19 mar. 2006.

LOPES, J. Os caminhos da identidade nas ciências sociais e suas metamorfoses na psicologia social. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, v.14, n 1, p. 7-27, jan./jun. 2002.

MINAYO, M. *O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde*. 2. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1993.

NEVES, V. Pesquisa-ação e etnografia: caminhos cruzados. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, São João del-Rei, v. 1, n. 1, jun. 2006. Disponível em: <<http://www.ufsj.edu.br>>. Acesso em: 10 ago 2007.

OLIVEIRA, J. *Ensaio de antropologia histórica*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

PARAISO, M. Repensando a política indigenista para os Botocudos no século XIX. *Revista de Antropologia*, v. 35, 1992. Apud SOTTO-MAIOR, L. Estudos de fundamentação antropológica necessários a identificação e delimitação da terra indígena Comexatiba (Cahy/Prqui). Portaria nº1129/PRES, de 29 de setembro de 2005. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 30 set. 2005. Seção 2, p.22.

REY, F. *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

RIBEIRO, D. *Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ROCHA, D., DEUSDARÁ, B. Análise de conteúdo e análise do discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em 31 out 2007.

SCHADEN, E. *Aculturação indígena: Ensaio sobre fatores e tendências da mudança cultural de tribos índias em contato com o mundo dos brancos*. São Paulo: Pioneira, 1969.

SILVA, I. *Importância da cultura na formação identitária da juventude*. GT 2 – Cultura, Trabalho e Identidade Social. Trabalho apresentado ao V Colóquio Internacional Paulo Freire. Recife, 19 a 22 de setembro, 2005.

SOTTO-MAIOR, L. Estudos de fundamentação antropológica necessários a identificação e delimitação da terra indígena Comexatiba (Cahy/Prqui). Portaria nº1129/PRES, de 29 de setembro de 2005. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 30 set. 2005. Seção 2, p.22.

APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

• ENTREVISTA I: VIVIANE

Idade: 19 anos

Informações adicionais: é casada com o índio Airi (20 anos) filho do cacique da Aldeia e possui 3 filhos (5 anos, 3 anos e 9 meses).

1. Fale uma palavra que você acredita que represente seu povo.

É um bom lugar, sossegado, não tem briga com as pessoas. Para mim é um lugar bom. Tranquilidade. Sossego, tranquilidade.

2. O que era ser Pataxó há 20 anos e o que é ser Pataxó hoje?

Mudou muitas coisas, mudou a vida da gente. Antigamente não era que nem agora. Antigamente os pessoal não andava que nem a gente, não andava vestido, não bebia o que bebemos hoje, não comia o que a gente come. Comiam coisas do mato, caça, selvagem do mato. Hoje comemos arroz, feijão, macarrão, galinha, tudo da cidade.

3. Que importância tem para você o que os brancos pensam e dizem sobre o Pataxó?

É importante sim, eles não conhecem a gente direito porque nunca vivem no meio da gente para falar e saber tudo que a gente faz. Trabalham na enxada, plantar. É importante saber como a gente vive.

4. Que influência tem a cultura branca sobre você?

Mudou muito a vida, porque é diferente da nossa, não é igual com a da gente. O que eles fazem lá é diferente. Os tipos de musica, dança, vestir

5. Cite três elementos da sua cultura que identifiquem você.

Ritual da gente e também pescar e caçar, mas é só homem.

6. Se você pudesse escolher como viveria, qual seria sua escolha?

Queria viver assim mesmo do jeito que a gente vive, igualmente está vivendo não queria diferenciar nada.

• ENTREVISTA II: POLIANA BRÁS

Idade: 22 anos

Informações adicionais: nasceu na Aldeia Boca da Mata e foi morar com a mãe na Aldeia de Barra Velha, onde conheceu seu marido, o índio Nauí Pataxó. Casou-se aos 15 anos e possui 03 filhos.

1. Fale uma palavra que você acredita que represente seu povo.

Ritual

2. O que era ser Pataxó há 20 anos e o que é ser Pataxó hoje?

Mudou muita coisa, mudou a violência por causa da cachaça. Agora parou mais de violência porque a policia passou aqui.

3. Que importância tem para você o que os brancos pensam e dizem sobre o Pataxó? As coisas

antes é mais difícil, hoje é mais fácil trabalhar, arrumar dinheiro, roupa, calçado, comida, ir na cidade. Eu trabalho de fazer colar e vendo aqui. Tem branco que diz que índio é ruim a gente, explora muito a gente aí às vezes em Itamaraju¹ fala mal da gente, diz que a gente gosta de invadir fazenda. Não é importante me com o que eles falam, botam na radio denunciando.

4. Que influência tem a cultura branca sobre você?

Acho bom, muito bom. Mudou mais vivemos a mesma coisa de antes.

5. Cite três elementos da sua cultura que identifiquem você.

Pescar, fazer roça, caçar. Tem paca, onça e macaco. Quem caça divide, e ganha um pedaço da caça. Não fazem mais porque é proibido. O IBAMA não deixa. Só para comer, para vender foi proibido.

6. Se você pudesse escolher como viveria, qual seria sua escolha?

Escolheria viver como antes, como as pessoas mais velhas, viver no mato, sem vestir roupa, achava mais melhor.

**• ENTREVISTA III: MARIA SENHORA DE SANTANA –
“SENHORINHA”**

Idade: 55 anos

Informações Adicionais: é a parteira da Aldeia, casada há 35 anos, possui 11 filhos, sendo o caçula de 09 anos. O neto mais velho tem 16 anos.

1. Fale uma palavra que você acredita que represente seu povo.

É meu povo, meu marido, filho e cunhado.

2. O que era ser Pataxó há 20 anos e o que é ser Pataxó hoje?

Não mudou nada, só mudou porque estou desta idade, mas não mudou nada.

¹ Cidade que fica a aproximadamente 30 km da Aldeia Pé do Monte.

3. Que importância tem para você o que os brancos pensam e dizem sobre o Pataxó?

Não acho que não, tanto faz o que eles pensam e fala não tem nada a ver. Temos que ser como somos.

4. Que influência tem a cultura branca sobre você?

Nossa cultura não mudou continuando mais ainda. Não pode mudar porque acaba. Não tem acabado porque não podemos esquecer.

5. Cite três elementos da sua cultura que identifiquem você.

Índio nós somos sobreviventes da nossa Floresta, usar nossa cultura e sobreviver com as pessoas.

6. Se você pudesse escolher como viveria, qual seria sua escolha?

Escolheria não ter mudado nada. Viver como vive mesmo. Se pudesse ter uma vida melhorada seria ótimo, mas como não pode, vivemos assim.

* Com relação ao extenso número de filhos, relata “pílula nunca tomei, não acho certo. Brigo com as mulheres, porque se Deus dá a condição de ter, dá a condição de criar”.

• **ENTREVISTA IV: ALICIO GONÇALVES DO COUTO**

Idade: 54 anos

Informação adicional: marido de Senhorinha.

1. Fale uma palavra que você acredita que represente seu povo.

Acredito que é uma nação diferente dos brancos. Agora como que foi nascido e produzido eu não sei como foi não, mas sei que existe a nação . Índio como nós, africanos, portugueses e alemão. Cada nação foi Deus que fez, cada um individuo e uma nação. A nação Pataxó já encontrei quando nasci, não sei lhe explicar do fundo. Ele ia pra cima da pedra e ficava observando o mar bater na pedra fazia pá, escoava fazia taxo, aí o nome.

2. O que era ser Pataxó há 20 anos e o que é ser Pataxó hoje?

Acho que quando Pedro Álvares Cabral chegou encontrou só índio aí ele foi diferente. As terras, os índios antigo vivia nas florestas sem poluição. Pedro Álvares Cabral repartiu e acabou os índios. Hoje existem poucos e esses índios vivem do nosso jeito, antes era mais sossegado como ‘catitu’ (animal que mata), caçadores querendo caçar, dependendo de nossas terras e os fazendeiros dizendo que é dono. No momento não são nossas não temos documento.

3. Que importância tem para você o que os brancos pensam e dizem sobre o Pataxó?

Eles só pensam em acabar com nos, os fazendeiros tem pistoleiros para quando nós formos fazer retomada, não é comportamento porque eles querem acabar com nossa vida.

4. Que influência tem a cultura branca sobre você?

Uns influencia, outros não, uns querem trabalhar outros querem ajudar, outros querem, atrapalhar, não são todos iguais. Acabou a nossa cultura através dos brancos. O índio falava de um jeito e eles achavam que o índio não devia falar assim, aí o índio mudou fala.

5. Cite três elementos da sua cultura que identifiquem você.

Primeiro a importância terra, nossa terra é a primeira coisa que nós depende. Estando com nossa terra realizada estamos sossegados. Saúde diferencial e educação.

6. Se você pudesse escolher como viveria, qual seria sua escolha?

A gente deveria os Órgão que trabalham com a gente, trabalhar melhor para a gente produzir mais para a gente viver melhor. Terra para produzir mais. Estamos vivendo como o branco até o momento que estamos aprendendo. Vários trabalhos aprendemos com o branco. A leitura aprendemos com o branco e hoje é muito importante. A cultura nossa deve continuar. Deve continuar ter um professor de nossa cultura, dar aula de ritual é importante para não acabar mais o que esta acabando. Alguns falam no idioma. Poucos falam português.

• ENTREVISTA V: OSIEL SANTANA FERREIRA PATAXÓ (ARAÇARI PATAXÓ – CACIQUE)

Idade: 47 anos

Informações Adicionais: é casado e possui seis filhos, sendo o caçula de poucos meses. Araçari significa pássaro da floresta.

1. Fale uma palavra que você acredita que represente seu povo.

Significa que ele faz parte da floresta e do oceano. Quando a maré está enchendo faz ‘pá’ e quando volta faz ‘xó’.

2. O que era ser Pataxó há 20 anos e o que é ser Pataxó hoje?

Hoje mudou muito porque os antigo pataxó vivia em harmonia dentro da floresta. Tinha muito peixe no rio, caça e pássaro e hoje isso tudo já acabou. Hoje já acabou nossas florestas, peixes, caças, rio eu sinto que já estão poluídos. Se beberem ou comerem água estamos bebendo água poluída Caraíva, água do rio, está poluída. Piorou bastante, antes nós bebia água saudável. Aqui bebemos água no pé da pedra e não é poluída. Antes quando nossos anciãos vivia, ele vivia no jardim, tomavam banho de água cristalina, não tinha poluição, tinha muita caça, pássaro era diferente. Hoje para beber água saudável de boa qualidade precisa que a FUNASA fure um poço, assim como para vocês. Está me deixando triste. Meu tempo de infância se eu contar meu sofrimento dói meu coração. Tenho muita fé em tupã que não deixa acontecer o que vem acontecendo com o nosso povo sofrendo. O pataxó é nato

deste povo. Quando deus fez florestas, água, peixe, caça, o índio nasceu da terra. Quando deus plantou as ervas por isso tem muito amor pela natureza e árvores.

3. Que importância tem para você o que os brancos pensam e dizem sobre o Pataxó?

Nós índio hoje lá fora para o branco somos muito discriminados porque eles dizem que nos não somos índios mas nos não consideramos isso. Temos o nosso costume e eles o dele. Aqui na floresta nós somos profissionais lá fora nos precisamos de leitura para saber e colocamos nossos filhos na escola. Diferente porque temos uma cultura e eles outra. Diferença muito diferenciada se nós estamos pescando caçando e quando chegamos nós divide. Depois da guerra de 51 o massacre dos pataxó, meu pai ficou um ano e meio colocando rede e pegando peixe para dividir com nosso povo. Se faltava ia no mangue pegava caranguejo e dividia. Por isso é um entendimento diferente. Vocês brancos não fazem com seus parentes e nos fazemos. Se nós caça ou pega peixe ou na rua compro comida com minha 'jokana' divide com os parentes. Nós temos esse costume social. Costume dos velhos dividir o pão com os irmão, o que está na escritura sagrada. Dar pão a quem tem fome e água a quem tem sede. Lá fora se não temos o dinheiro nós morremos de fome e passamos muita necessidade.

4. Que influência tem a cultura branca sobre você?

Hoje chamamos os filhos e explicamos que nossa cultura é uma e a deles outra, que a gente se liga a quem gosta de gente e ele nos ensina a leitura. A gente confia neles e a gente ensina a eles. Não mudou nossa cultura, mesmo tendo contato. A gente tinha nosso costume como índio e a gente continua mantendo nossa cultura, ritual, tradição, identidade, pintura, cultura. Mesmo com a chegada dos portugueses em 1500 estamos nos nossos costumes dos anciões.

5. Cite três elementos da sua cultura que identifiquem você.

Mostrar para o pessoal que nós somos índio. Temos que manter e resgatar nossa cultura cada vez mais. O governo e outros órgãos falam lá que não tem mais índio. O Governo está tirando cada dia uma letra de nossa cultura. Nós temos que mostrar que somos índios temos que manter nossa cultura, idioma. Hoje nós temos professores patxôhã², nossa língua com muita dificuldade nós estamos buscando. Nossos filhos estão estudando lá fora e aprendendo outra língua. Para manter como índio temos que manter nossa cultura. Tem índio que se pinta e não tem vergonha de ser índio. Tem uns que tem vergonha pela discriminação do branco vamos usar nossa tradição, caçar, pintura, furar orelha e buscar tronco do velho. Se você toma banho com folha de amescla e defumador e vai dormir de noite você vai sonhar com os parentes que já foram embora e eles vão ensinar uma canção diferente da de lá de fora dos brancos.

6. Se você pudesse escolher como viveria, qual seria sua escolha?

Eu queria viver hoje na mata sem usar nada do branco, sem relógio, roupa, só usar 'tupiçai' (tangas) dos antepassados. Quando faço trabalho de guia uso meu 'tupiçai', porque ai sou índio mesmo. Não

² Patxôhã quer dizer: "pat" são as iniciais da palavra Pataxó; "atxôhã" significa língua; "xôhã" significa guerreiro. Dessa forma a palavra representa "língua de guerreiro" (Bahia, 2005)

tenho vergonha de dizer que sou índio em qualquer lugar. O índio tem que casar com índio para limpar o sangue para não sujar. Se o índio casar com não índio traga para aldeia e zele pela branca porque esta zelando pela família dele. Quando fazemos um casamento de um índio com uma índia fazemos um ritual. Tudo é a fé que cura. Tupã em primeiro lugar. Se não tiver fé em tupã a gente morre cedo. No mundo de hoje tem muito inimigo, o inimigo come feijão. A gente tem que está preparado para o inimigo. De ontem para hoje sonhei com três mulheres conversando comigo.

• **ENTREVISTA VI: BENEDITO VIRGEM DE OLIVEIRA (NAUÍ PATAXÓ)**

Idade: 28 anos

Informações Adicionais: é casado com Poliana Brás, possui três filhos e atualmente é agente de saúde da FUNASA. Nauí significa árvore venenosa que dá na beira da praia.

1. Fale uma palavra que você acredita que represente seu povo.

O nosso antepassado foi índio então nós somos índios. A terra é um espaço que a gente como índio tinha caça, pesca e hoje não mudou muito. Somos índio.

2. O que era ser Pataxó há 20 anos e o que é ser Pataxó hoje?

É o mesmo Pataxó, mas claro que a gente muda, antes não tinha atendimento médico, não sabia ler nem escrever, o que ele sabia era fazer o nome indígena, mas como pataxó não escrevia o português. Hoje estamos representando o 'patxôhã', índio guerreiro. Quando eu era criança eu era igual aos meus filhos hoje, mas na parte cultural já mudou. Eu lembro que participava do movimento indígena só em 19 de abril. Hoje fazemos apresentação praticamente o tempo todo em escolas. Eu só via esse movimento de ano em ano, hoje tem muito incentivo. Tenho certeza que mudou na tecnologia também, tem alguns índios que já tem essa noção.

3. Que importância tem para você o que os brancos pensam e dizem sobre o Pataxó?

Eu acho que tem alguma importância, mas tem outras coisas que não tem importância também. O português acha que não somos mais índios porque usamos tênis, roupa, relógio. Se for na parte de contato não temos culpa porque resistimos um pouco também. Só que os pataxó não agüentamos resistir, sair, desprezar o local, temos o direito de resgatar o que é nosso. Hoje os pataxó tem discriminação com os xavantes porque eles viviam por aqui e fugiram. Sei que você é índio, índio porque você correu do que era seu e nós agüentamos, porque resistimos e ficamos aqui.

4. Que influência tem a cultura branca sobre você?

Eu acho que alguma coisa sim outra não. Na parte da cultura não tem nada a ver. A mulher índia gosta de usar brinco porque gosta, porque acha bonito. Piorou por causa do contato com o branco. Se não tivesse contato seria tudo natural, poluição, desmatamento, mas hoje como já estamos acostumados

com isso andamos com o branco, mas temos nossa cultura. Quando vamos fazer apresentação sem a gente falar nada ele tem que tirar aquilo porque faz a diferença. Quando vai fazer reivindicação o cacique não aceita que o índio esteja de brinco, óculos, o que for, mas hoje você tem que mostrar o que você é. Na prática hoje temos que viver dessa forma, para conquistar alguma coisa você tem que está como índio e mostrar a cultura do seu povo.

5. Cite três elementos da sua cultura que identifiquem você.

Terra é o que estamos reivindicando hoje. Espaço para morar, floresta, meio ambiente para se alimentar. Na terra você tem como preservar sua fauna, flora, o índio sem a terra é um pássaro preso. Não tem uma respiração boa. Tiramos o sustento da terra, se o índio não tem terra ele vai comer o que vem de fora. Adubo orgânico mexe com varias coisas. Direito que tem na constituição ta sendo cortada a maioria das coisas.

6. Se você pudesse escolher como viveria, qual seria sua escolha?

Floresta com água nascente boa com espaço para plantar e conseguir alguma coisa para sobreviver. Viver no mato, mas buscando conhecimento, lutando pelos direitos. Queria ter um espaço meu para largar para os meus filhos na floresta, mesmo porque tudo que temos hoje é passageiro. Não existe mais o Brasil ser selado só pelo índio, resgatar a cultura, casar sempre com índio, fazer amizade, se conseguiu algo, ter pra gastar com os amigos e filhos.

ANEXO A – MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA ALDEIA PÉ DO MONTE

